



Entrevista



# Entrevista

No Dia 27 de agosto de 2014, a professora Cláudia Toledo concedeu gentilmente essa entrevista a João Vitor de Freitas Moreira e a Alan Rossi, em um descontraído encontro realizado na Faculdade de Direito da UFJF. A entrevistada, Professora Cláudia Toledo, é doutora em filosofia do Direito e Teoria do Direito pela UFMG, pós-doutora em Filosofia do Direito pela Christian-Albrechts Universität zu Kiel sob orientação do famoso jusfilósofo alemão Robert Alexy, e pós-doutora pela UFSC. Desde 2005 é professora da UFJF e desde 2013 membro do corpo do Mestrado em Direito. Coordena cinco projetos de pesquisa financiados pelo CNPq, CAPES, FAPEMIG e UFJF. Possui 16 artigos publicados em revistas nacionais e internacionais

**Alethes:** Cara professora, gostaríamos de saber, durante o período que cursava a graduação, quais eram as iniciativas discentes que incentivavam a prática da pesquisa científica?

**Cláudia Toledo:** Nenhuma forma de incentivo existia, seja por parte discente ou docente. Quando eu fiz a graduação que foi entre 1992-1997 e quis fazer iniciação científica, acabei gostando gostei muito do professor de Direito Econômico, que não tem nada relacionado com o que faço hoje, e perguntei se ele podia me orientar na iniciação científica. Ou seja, eu tive que descobrir que existia iniciação científica, eu fiz o projeto, eu pedi para assinar o projeto pronto. Sabe quantas vezes encontrei com ele durante a iniciação? Uma única vez, no final. Então era dessa forma, nenhuma divulgação ou incentivo. Isso durante o meu período de graduação na UFMG, que tinha doutorado com avaliação 5 da CAPES. Acredito que nesse mesmo período, na UFJF não era muito diferente, pois nem mestrado existia.

**PA:** Tendo em vista esse processo de formação, o que levou à Senhora a trabalhar com a pesquisa dentro do ramo do Direito?

**CT:** Bom, o que me despertou a vontade de pesquisar foi justamente o professor, ter gostado da disciplina. Isso para você qual é o peso disso, a capacidade e a importância que tem o professor de passar o que ele conhece, de cativar a turma. Daí fiz o projeto de pesquisa em econômico, logo depois fui aluna do titular de Filosofia do Direito da UFMG e me interessei por essa área. E, mais uma vez, fui eu que procurei o professor, fiz o

projeto e, por acabar gostando dessa área, me tornei monitora dele. As monitorias, processo mais tradicional, eram mais divulgadas e/ou incentivadas? Não, era pior que aqui na UFJF, não existia divulgação alguma, muito menos incentivo e procura.

**PA:** Quais foram, então, os motivos que levaram à Senhora a trabalhar na pesquisa científica com discentes? Isso, pois sabemos que dentro do mundo do Direito, muito dos professores pesquisadores preferem trabalhar e publicar sozinhos.

**CT:** Olha, esse tipo de trabalho em equipe é, na verdade, a última tendência no mundo e, consequentemente no Brasil, por incentivo na CAPES e do CNPq. Na Alemanha, durante meu pós-doutorado, eu não via esse tipo de pesquisa e amparo que estamos tentando fazer aqui. Isso é mesmo por acompanhar a pesquisa no mundo e ver que essa época do professor sozinho, pesquisando e produzindo ficou na época do Alexy. Ele mesmo me confessou que essa pesquisa de grupo ele não gostava muito, ele prefere pesquisar sozinhos, mas nem todo mundo é um Alexy.

**PA:** Como foi essa experiência de poder trabalhar com Robert Alexy e que isso despertou na Senhora?

**CT:** Eu não vivi muito pesquisa em grupo na Alemanha, justamente pela mentalidade e preferência do Alexy em pesquisar em produzir sozinho. Além disso, eu também não sei se na Alemanha eles são tão fortes na pesquisa em grupo na área de ciências sociais. Mas o que me deu mais gosto e prazer na área de docente, na área de pesquisa foi chegar lá e perceber nitidamente que ser professor pesquisador é uma profissão, uma grande profissão. Para você ser isso, tem que ficar o dia inteiro estudando para você conseguir produzir algum artigo para ser publicada, e se não for publicada internacionalmente não conta muito. O Alexy mesmo me disse: olha, publicar em alemão e publicar em português é publicar para ninguém ler. Imagine bem, para publicar em âmbito nacional já é bastante difícil, agora imagina para publicar em âmbito internacional. Para isso você precisa sentar e estudar muito, coisa que percebi nitidamente lá. Isso porque no Brasil, especialmente na área de ciências humanas, sinceramente - antes de ir para Alemanha, e isso já tinha feito pós-doutorado aqui no Brasil - por vezes eu pensava se tinha feito a coisa certa, será que fiz opção certa? será que não deveria ter seguido a magistratura? Olha, só depois de passar pela experiência lá eu vi que tinha feito a opção certa, eu gosto da academia e da academia enquanto profissão reconhecida.

**PA:** Professora, como é a sua experiência com os discentes no grupo de pesquisa? Você consegue perceber que a experiência é positiva?

**CT:** Bom, essa experiência de formar grupos de pesquisa, grupos grandes de pesquisa – hoje eu estou com 16 alunos, sendo dois do mestrado e o restante da graduação – nós dividimos esses grupos de formas distintas e para que articulemos de modo a, efetivamente, todos pesquisarem e trabalharem e, portanto, todos apreendendo e desenvolvendo uma pesquisa de qualidade. Mas para isso, tem toda uma técnica. Confesso que boa parte dessa técnica é invenção da minha cabeça, mas outras não obviamente. E nosso grupo, digamos, se esforça e bastante. Porque, veja bem, eu recentemente consegui um projeto no CNPq, que é um projeto universal difícil de se conseguir, com duração de três anos. É um projeto internacional e como que eu ou mais um alunos conseguiríamos fazer sozinhos uma pesquisa no Brasil, Argentina, Alemanha, Colômbia, Espanha e ainda com um poquinho da China? Tem que ser um grupo. Esse projeto me dar uma verba grande para comprar muitos livros, que só podem ser lidos por completo se estivermos em grupo. Assim, sem dúvida o trabalho em grupo é positivo, mas obviamente que existem problemas de ordem pessoal. Muitas vezes o professor que trabalha em grupo apóia um aluno, acreditando no potencial dele e se decepciona. Por outro lado, existe aquele aluno que está no primeiro ou segundo período, sem muita maturidade e que nem se destacou tanto, que acaba procurando o professor com o propósito de uma iniciação científica e se desenvolve tão bem, crescendo dentro da pesquisa. Eu mesmo tenho experiências no meu grupo. Olha, quando se estuda em uma federal que tem estrutura para te fornecer mais do que aula, o aluno tem que aproveitar muito, fazendo pesquisa e monitorias. Isso é essencial.

**PA:** O que você pensa, professora, da organização exclusivamente discente de incentivo as práticas de pesquisa científica? Como, p. ex., os grupos de estudos iniciados por alunos?

**CT:** Olha, é o que há. Isso é manifestação de autonomia e não existe coisa maior na vida, portanto, na vida acadêmica, do que a sua capacidade e sua determinação de se auto-aperfeiçoar. E você, na vida acadêmica, se aperfeiçoa trabalhando com o outro, e isso é sem dúvida muito interessante: O aluno buscar se aprimorar e ter a iniciativa - como a revista ALETHES que é uma iniciativa de alunos que desenvolveram esse trabalho que está cada vez mais sólido – é uma coisa muito séria, de uma grandeza. Isso e coisa de adulto.

**PA:** A pergunta que segue é decorrente disso: qual é a importância de periódicos que reservam uma parte da sua edição para publicações discente e do periódico ALETHES, que até onde é sabido, é único para publicação exclusiva de discentes, no campo das publicações?

**CT:** Olha, como disse, vejo toda a organização discente de forma absolutamente positiva: autonomia para identificar o que quer e lutar por isso. E, os alunos criarem uma revista, como é o caso da ALETHES, levando em consideração a experiência que tive fora é: se você não publicar artigo, você não consegue ter uma história no mundo acadêmico de fôlego. Por exemplo, o Alexy tem três livros, mas mais de cem artigos. O artigo te permite trabalhar temas diversos e ser muito mais dinâmicos. Daí publicações são fundamentais e no Brasil essa prática começou a ter enfoque não faz dez anos. A ALETHES assume papel importantíssimo nesse cenário. Um exemplo, durante minha pesquisa na Alemanha organizei um livro sobre o tema que estava pesquisando- que era Direitos Sociais -, eu, compondo o conselho editorial da ALETHES, li um artigo de um aluno da UFJF que achei tão bem feito, embora fosse um pensamento absolutamente contrário ao meu, mas achei tão bem escrito que, nesse livro, que consegui que uma ministra do supremo tribunal alemão, professores de Frankfurt, Heidelberg, e esse aluno da UFJF que chamei para publicar junto com eles. Imagine o impacto que isso gera para o aluno, para seu currículo, e ele veio justamente da ALETHE.

**PA:** Por fim, como que funciona a relação entre a tecnicidade de um doutor, que se destacou pelo longo estudo, como a relação intuitiva, isto é, do sentir as a ciência? Isso, porque temos um grande interesse de resolver problemas enquanto estamos na graduação, agimos sensitivamente, mas faltando a tecnicidade. Existem muitas pessoas na pós-graduação que são extremamente técnicas e que falta, justamente, esse sentimento criativo.

**CT:** Bom, o que eu poço falar, claro que não tenho a fórmula, mas não tem como você fazer uma pesquisa de qualidade se você não visar dois critérios: primeiro, dentro da vastidão de nosso campo, buscar identificar uma coisa que intelectualmente te desperte a curiosidade: olha, isso aqui é interessante é importante e quero conhecer, mas não sei bem. Pronto, aí entrou a razão, a técnica que você falou. Mas pra ser um bom pesquisador, meu caro, você tem que selecionar aquilo que te desperte intelectualmente, mas que mexa com sua emoção também. Se você pegar aquilo que intelectualmente te chama atenção e

te envolve emocionalmente, você pode ter a certeza de que você vai passar a sua vida pesquisando aquele tema e seus afins. Você vai passar a vida inteira pesquisando aquilo que é racionalmente importante pra a sociedade e para você e que é importante para te satisfazer. Daí você pode ter certeza de que será um bom pesquisador. Você, nesse ponto, envolve aquele sentimento de querer mudar da graduação com o rigor científico que você deve ter. É desse modo que vejo a conjunção.

